

TEMPO E MEMÓRIA EM FRANCISCO DANTAS E CONCEIÇÃO EVARISTO

TIME ANDE MEMORY IN FRANCISCO DANTAS AND IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S WORKS

Cristiane Rodrigues de SOUZA¹

RESUMO: A narrativa contemporânea brasileira forma um painel complexo, em que se pode perceber, principalmente, duas linhas de força, quando pensamos no tempo e na memória, já que, em parte dos textos, há aqueles que retomam o tempo e a memória guardados nos rincões do país, e, além deles, há outros que apresentam intensa ligação à vida das cidades, marcada pelo simultâneo e pela fragmentação. O presente estudo se detém nos romances *Coivara da memória* (1991), de Francisco Dantas, e *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, percebendo-os como representativos do primeiro grupo, próximos de outra percepção do tempo e da memória, entendida por meio do apoio de textos de Henri Bergson e de Friedrich Nietzsche.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Dantas. Conceição Evaristo. Tempo. Memória.

ABSTRACT: The contemporary Brazilian narrative forms a complex panel, in which one can perceive, mainly, two lines of force, when we think about time and memory, since, in part of the texts, there are those who retake the time and memory kept in the country inside, and, besides them, there are others that have an intense connection to the life of cities, marked by the simultaneity and fragmentation. The present study focuses on the novels *Coivara da Memória* (1991), written by Francisco Dantas, and *Ponciá Vicêncio* (2003), written by Conceição Evaristo, perceiving them as works that represent the first group, close to another perception of time and memory. The two books are studied with the support of Henri Bergson and Friedrich Nietzsche texts.

KEYWORDS: Francisco Dantas. Conceição Evaristo. Time. Memory.

O livro de estreia do escritor sergipano Francisco J. C. Dantas, *Coivara da memória* (1991), é iniciado por meio da apresentação do espaço em que se insere o narrador-personagem. Acusado de um crime, ele está preso num “quadrado de pedras”, que, descobrimos depois, trata-se do cartório em que o protagonista trabalhou, na cidade de Rio-das-Paridas, no interior de Sergipe. Na prisão domiciliar, procura escrever suas memórias, resgatando “vozes que chegam do passado e [o] empurram para a vida” (DANTAS, 2013, p. 15).

1. Doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP. Professora adjunta de Literatura na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: cris.de.rodrigues.souza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7695-0684>.

O título do romance indica a ligação de fogo com memória, já que o vocábulo “coivara” significa o amontoado de galhos e gravetos usados para atear fogo ao terreno, no intuito de prepará-lo para a lavoura. Ou seja, a memória, no livro de Dantas, não pretende se estabelecer como uma prisão ao passado, mas, sim, como uma forma de construção do futuro, por meio da transformação de resquícios. Por meio da rememoração, o narrador procura a potência antiga das vozes do avô, importante dono de engenho, da avó, do pai e de outras figuras, no intuito de conseguir, de alguma forma, fugir da imobilidade em que se encontra. Há, portanto, no romance, uma oposição entre o movimento fluido da memória e o quadrado estático em que o personagem se insere.

De acordo com Hobbes e Descartes, como lembra Olga Sá, o tempo, como a memória, também é movimento. Esse movimento é determinado, de acordo com Kant, por uma ordem causal, em que não há possibilidade de retorno ou de modificação de sua linearidade, já que um evento é consequência do outro (SÁ, 2011, p. 101). No entanto, essa ordem pode ser abolida pela memória, assim como pela imaginação e pela escrita literária. O filósofo moderno Henri Bergson (1859-1941), frente ao que mostra o pensamento científico de Newton e, até mesmo de Einstein, que “não inovou o conceito tradicional do tempo como ordem de sucessão: só negou que a ordem de sucessão fosse única e absoluta” (SÁ, 2011, p. 101), pergunta-se se a noção de tempo da ciência é a mesma que se desenvolve na consciência. Para o filósofo francês, “a evocação das lembranças dá-se no presente. O tempo como duração não é matematicamente circunscritível, confina com o passado e o futuro imediato. O passado imediato é a sensação, o futuro imediato é a ação” (NICOLA, 2005, p. 433).

Bergson insistiu na exigência de considerar o tempo vivido (a duração da consciência) como uma **corrente fluída**, na qual é impossível até distinguir estados, porque cada instante dela transpõe-se no outro em continuidade ininterrupta, como acontece com as cores do arco-íris. O tempo, como duração, possui duas características fundamentais: 1) é novidade absoluta, a cada instante, em virtude do que é um processo contínuo de criação; 2) conservação infalível e integral de **todo o passado**, em virtude de que age como uma bola de neve e **continua crescendo à medida que caminha para o futuro**. (SÁ, 2011, p. 105, grifos nossos).

Dessa forma, no romance de Dantas, apesar da sensação de imobilidade, dada pelo confinamento do personagem, o passado e o presente se misturam, por meio da memória, enquanto se busca o futuro, marcado, no entanto, pela angústia causada pela expectativa do julgamento e dos sofrimentos que ele deve impor. Assim, em *Coivara da memória*, o tempo vivido, medido pela ideia de duração, em oposição ao tempo quantitativo, tem lugar.

Quando estamos sentados à beira de um rio, o escoamento da água, o deslizamento de um barco e o murmúrio ininterrupto de nossa vida profunda são para nós três coisas diferentes ou uma só, como se queira [...]. Em realidade, não há um ritmo único da duração; é possível imaginar muitos ritmos diferentes, os quais, mais lentos ou mais rápidos, mediriam o grau de tensão ou de relaxamento das consciências, e deste modo fixariam seus respectivos lugares nas séries dos seres. Essa representação de durações com elasticidade desigual é talvez incômoda para o nosso espírito que contraiu o hábito útil de substituir a duração verdadeira vivida pela consciência por um tempo homogêneo e independente. (BERGSON, 1998, p. 75).

No romance, a memória, não a recordação, é encetada pelo reviver, no presente, do passado. Esse reviver não é pautado pela métrica do relógio, mas por outro tempo, o tempo vivido.

Aperto os olhos para esquecer estas paredes onde me trancafiaram e, sovertido não importa em quê, me transporto menino enfeitiçado para [a sombra da paineira da infância]. Sob o jugo encantatório de sua aragem o aquele vira este, o antes é agora, o pretérito caminha para o presente, tudo se achegando para o meu lado em cantigas de sortilégio. (DANTAS, 2013, p. 20).

Num primeiro momento, as imagens do passado se diluem – “os olhos se embaciam e as formas que trago por dentro se dissolvem de tal modo que se tornam inapreensíveis” (DANTAS, 2013, p. 21) –, mas o narrador, ao ser tragado pela memória, pode ouvir a voz grave do avô, os mugidos da vaca do engenho, assim como ver o vulto de tio Burunga (DANTAS, 2013, p. 22). No relato, o narrador-personagem parece se esquecer da prisão em que está inserido e do tempo quantitativo do relógio, até ser despertado pelo “golpe da primeira pancada das ave-marias” (DANTAS, 2013, p. 26), capazes de trazer à sua visão os paredões que o prendem e a expectativa do futuro: a sentença do meritíssimo.

Cada capítulo, como um conto independente, se liga aos outros, na reconstrução do passado do órfão de mãe ao nascer, acolhido pela família materna, apesar de sentir correr em si o sangue do pai, que se posicionava contra os desmandos dos poderosos, inclusive contra a família da mulher, de onde a tirara sem permissão, a família dos Costas Lisboa, descendentes do fundador da cidade. O romance se desenrola por meio de momentos em que são revividos atos e modos de ser de pessoas da família, como o avô, homem que, por meio do orgulho, esconde pontas de insegurança, usando a severidade para disfarçar afetos. Conhecemos também a figura da avó, presa aos afazeres pesados e intermináveis da casa, pessimista e franzina, mas a guardar a admiração pela beleza, como pôde perceber o personagem, quando, ainda menino-homem, podia ver a atenção que ela dava às rosas, num amor disfarçado. É mostrada também a tirania dos tios, que colocam o menino, órfão protegido pelo avô, no internato distante.

Da mesma forma, é apresentado o amor perdido por Luciana, personagem presente o tempo todo na memória do narrador, mas apresentada em pormenores, somente ao final do livro. De acordo com o narrador, todas essas pessoas “caminham na fita onde per[de] os olhos, naturalmente ajustados a novas proporções”, já que “as lembranças parecem ter uma intenção [...] de se atualizar, reencontrando o calor do vivido” (DANTAS, 2013, p. 21-2), como acredita Bergson, para quem o passado “nos acompanha por inteiro ao longo da vida, atualizando-se em geral em função das exigências da ação” (FERRAZ, 2016, p. 20). A interromper a retomada da memória, estão a consciência da solidão e a tentativa de manter alguma esperança na vida, frente ao tempo difícil, por meio da rememoração.

Marcando o movimento do tempo vivido e a percepção de mundo construída pela memória, está a imagem do fogo. O mundo é entendido por Heráclito como algo em constante mutação, num cosmo que é “obra de um fogo ‘sempre vivo’ que sempre foi, é e será” (SÁ, 2011, p. 101). No romance, tudo se liga a fogo e está em constante mutação, até mesmo o tempo, marcado pela progressão, alargado no vivido, sendo apresentados ao leitor, por meio da memória, a sua mutação e o seu refazimento. Se contrapondo à imobilidade do momento em que o personagem escreve suas memórias, o fogo aparece em vários momentos do livro, como na descrição do trabalho caseiro da avó, que “acendia, de semana a semana, o fogo da trempe de pedras no canto do terreiro” (DANTAS, 2013, p. 107), mulher que, no entanto, “não sabia sequer implorar com a chama dos olhos” (DANTAS, 2013, p. 111), submissa ao patriarcado, tendo como único momento de satisfação aquele em que se aproxima da beleza – espécie de arte –, por meio do cuidado com as rosas – “onde o perfume se fazia chama que reverbera” (DANTAS, 2013, p. 310). Está também no sentimento amoroso do narrador-personagem pela menina, afilhada do avô, depois redescoberta em Luciana, – “sumos espumas ruídos, sucos caldas labaredas” (DANTAS, 2013, p. 195). A descrição da paixão em fogo segue o passo de duas redondilhas maiores, ritmo repetitivo que aproxima o amor ao movimento do engenho. Além disso, o fogo marca, de maneira mais significativa ainda, a existência de Garangó, negro fugido que, aceito para o trabalho no engenho, consegue criar uma espécie de mundo próprio, em que se protege dos outros, no quadrado em que comanda as labaredas do engenho, como foguista – “Ali naquele buraco de baixo, onde se estendia a caverna de chamas que lambiam as grandes tachas de mel, Garangó passava o dia a reger a dança braba das línguas de fogo [...], [sendo que] o único convívio de Garangó com vozes humanas se fazia apenas pela escuta desse pedido de avanço ou recuo do fogo! Só Isso! Mais nada!” (DANTAS, 2013, p. 251-2). Assim, Garangó está numa posição semelhante à do narrador: num quadrado, lidando com o movimento das chamas-tempo, ambos procurando nesse movimento algum tipo de salvação – “Mesmo com o Engenho parado [...] Garangó costumava voltar ali, tal qual

meu avô nas suas rondas intermináveis! [...] Descia para o seu buraco, o pequeno quadrado de onde regeira parte do mundo que se movimentava lá em cima” (DANTAS, 2013, p. 273-4). Quando o Engenho deixou de funcionar, o avô percebe no fogo-morto, na ausência de movimento, a extinção da vida – “Daí que se obstinou enquanto pôde, procurando um jeito de agarrar o tempo pela brida com a mão que esbarra uma mula impaciente – mas esse bruxo invisível o transcendia!” (DANTAS, 2013, p. 265), buscando, como o neto faria depois, resguardo na memória.

No entanto, como dissermos, em oposição a esse fluir, está o espaço em que o narrador se encontra, o quadrado formado pelas paredes da prisão domiciliar. Olga de Sá lembra que, se para Heidegger, “o tempo é considerado uma espécie de círculo, em que a perspectiva para o futuro é aquilo que já passou; por sua vez, o que já passou é a perspectiva para o futuro”, “para tentar exorcizar a angústia e o efêmero, a relojoaria contemporânea não encontrou nada melhor, inconscientemente, que dar aos relógios e aos despertadores uma forma quadrada, em lugar da redonda, simbolizando, assim, a ilusão humana de escapar à roda inexorável e de dominar a terra, impondo-lhe a sua medida. O quadrado simboliza o espaço, a terra, a matéria” (SÁ, 2011, p. 106). No romance, o quadrado é imposto ao personagem, aparecendo não apenas como tentativa de exorcizar o efêmero, mas como imagem da imobilidade e da angústia, a que tenta escapar por meio da reformulação do presente e do futuro. Mas, para o narrador, voltar-se à escrita da memória não é suficiente para a redenção dos medos e das angústias.

Chego ao termo destas notas de cara lambida e alforje vazio, ainda escancarado para os temores que tanto tenho pelejado para arredar. Do muito que regateei com minha gente, não trago mais do que a orfandade que já tinha e a confirmação de que desenterrar os mortos é se deixar empestear pela inhaca das tumbas, o que não torna nem mais árido, nem mais brando, o ramerrão que me retém apartado do mundo. (DANTAS, 2013, p. 352).

Nietzsche, de acordo com Maria Cristina Franco Ferraz, valoriza o esquecimento, criticando a relação paralisante que o ser humano costuma estabelecer com o passado. Em *Assim falou Zaratustra II*, “o filósofo indica a via para a superação do peso de um passado irreconstruível [...] e sugere [...] um ousado e trágico ‘assim eu o quis’, acrescido de uma afirmação ainda mais radical, projetando o querer tanto para trás quanto para frente: ‘assim vou querer’” (FERRAZ, 2016, p. 28, aspas do autor). Propõe, assim, algo mais complexo do que o termo reconciliação demonstra, entendendo-o como “uma adesão da vontade, como vontade de potência, a tudo o que foi, é e será”, ligada ao amor pelo destino – *amor fati* –, emblema da ideia do eterno retorno, “não como fatalidade em um sentido determinístico, mas como um passado liberado de todo rancor, querido assim para trás [...]” (FERRAZ, 2016, p. 28), sem ressentimento.

Não se trata de uma perspectiva imobilizante, que equivaleria ainda a uma das máscaras possíveis da resignação. Ao contrário: deixando de ser impelido por uma necessidade de corrigir, maldizer ou mesmo de tentar deter e aprisionar, esse querer para trás funciona como um dizer-sim que abençoa e libera para a criação de novos cenários. (FERRAZ, 2016, p. 28).

Ao contrário disso, o narrador-personagem do livro, apesar de, em muitos momentos, demonstrar a vontade de construir o futuro ou de modificar a própria imobilidade angustiante, por meio da recorrência à memória, não consegue criar sentidos ou construir soluções.

E se restam apenas esses frangalhos em minha memória, por que então ainda os retenho com tanta intensidade e tão nitidamente? Por que me apetece escavar estes ossos inúteis, cheirar a sua solidez indecifrável? Por quê, se daí não retiro nenhum sentido aproveitável, nem a menor pancada de alento? (DANTAS, 2013, p. 358).

O quadrado-prisão mencionado na primeira página do romance se transforma, na última, em um “círculo de fogo e pedra” (DANTAS, 2013, p. 358), já que foi invadido pelo movimento da memória. No entanto, mesmo assim, o personagem não se entrega a ela da forma como preconiza Nietzsche.

Após tematizar o esquecimento como digestão, como “uma forma de saúde *forte*” [e como uma espécie de memória, que incorpora alguns elementos e deixa de lado outros], Nietzsche altera a própria concepção de memória. [Em *Genealogia*], introduz a noção de uma instigante “memória da vontade” uma memória instauradora de mundos. Trata-se de uma memória lançada em direção ao futuro, na medida em que se alia ao “prometer” [...]. Trata-se, portanto, de uma verdadeira memória da vontade, e não de uma indigesta prisão às pesadas cadeias do passado. (FERRAZ, 2016, p. 31, aspas do autor).

O narrador de *Coivara* vislumbra o futuro, quando ao lado de Luciana. No entanto, é levado a querer vingar-se de quem, no passado, matou seu pai. Preso à indigestão dos fatos, parece sucumbir à imobilidade da prisão, conseguida por meio do artilho elaborado por inimigos que fizeram com que caísse sobre ele a culpa pela morte de Tucão, homem poderoso da cidade.

É interessante aproximar o romance de Francisco Dantas a outra narrativa em que têm espaço privilegiado a memória e as questões do tempo, o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo.

Ponciá Vicêncio [...] é uma narrativa circular. A história, o tempo e o espaço narrativos constituem elementos interligados pela memória de Ponciá, de forma que, da situação inicial à final, eles se desalinham e realinham na trama. A memória é o

elo condutor da narração. Aqui nos referimos à memória individual e coletiva, pois quando Ponciá, personagem central da trama, revive o passado, pela lembrança, ela evidencia fatos, circunstâncias históricas do povo negro brasileiro. [...] Ponciá, na verdade, simboliza o espaço e o tempo de uma história contundida, de exclusão e subserviência que foi imposto ao povo afro-descendente brasileiro. (SILVA, 2007, p. 71).

Como afirma Assunção de Maria Sousa e Silva, no romance, “num percurso de vaivém narrativo até o final, vamos colhendo peças, fragmentos da vida de Ponciá para entender seu eu em incompletude. Com uma narrativa não linear, [feita] de flashes de memória, intromissão de personagens, intercaladas nos capítulos densos e curtos” (SILVA, 2007, p. 76), conhecemos a vida da menina que se torna mulher, abandona a terra de origem e parte para a cidade grande, lugar em que, aos poucos, fecha-se num alheamento do mundo, passando a viver num passado rememorado – “Ponciá gastava a vida em recordar a vida” (EVARISTO, 2017, p. 79).

De acordo com Eduardo Duarte, “a narrativa configura-se como um *Bildungsroman* feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade” (DUARTE, 2006).

Histórias [do avô, do pai e outros] surgem desgarradas umas das outras, e vão sendo evocadas em meio aos hiatos de racionalidade da protagonista. Formam, todavia, uma rede discursiva pela qual se recupera a memória de uma dor que é física e moral, individual e coletiva. E o corpo feito de ausências de Ponciá se recupera na arte da cerâmica, reatando no barro moldado o fio da existência. A terra, antes paliativo para a fome da menina, passa a matéria-prima para a afirmação da mulher. Ao final, o desterro na cidade grande se ameniza no reencontro com a mãe e o irmão, que parece pôr fim à errância sofrida da personagem (DUARTE, 2006).

Ponciá, durante os momentos em que parece se ausentar do contexto em que se insere, vive o passado no presente, por meio da memória, como a define Bergson. Longe da métrica dos relógios, o tempo para ela passa a ser outro – “encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro de seu recordar” (EVARISTO, 2017, p. 48). Capaz de ouvir as vozes perdidas, sente os cheiros e a presença dos familiares de quem tem saudades, sendo, ela mesma, a preservação da memória, já que “era a pura parecença com Vô Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p. 54), avô que encontrou uma espécie de loucura marcada também pelo alheamento, a viver rindo e chorando ao mesmo tempo – “a neta, desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo” (EVARISTO, 2017, p. 54).

No final do romance, ao ver a memória de sua família e da coletividade preservada nos gestos da irmã, o personagem Luandi compreende que “enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (EVARISTO, 2017, p. 109),

mostrando a necessidade de atingir algo parecido com o que Nietzsche afirma: reconciliação com o passado, possibilitando que se instaure a vontade criativa de futuros, já que “a vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda” (EVARISTO, 2017, p. 110). Ponciá, alheia a tudo, andando em círculos, longe, portanto, do tempo linear e quantitativo, era “elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus” (EVARISTO, 2017, p. 111).

Os dois romances, portanto, encenam a tentativa de se criar presentes e futuros, por meio da memória que resgata a vida do interior do país, lugar que preserva um modo singular de existência e de percepção de mundo, apesar de estabelecerem algum contato com o espaço urbano. Assim, de certa forma, o protagonista de *Coivara* e Ponciá escapam da ideia do tempo e da memória que se estabelece em nossa contemporaneidade.

Situados mais de um século depois de *Matéria e memória*, de que modo tais reflexões nos interpelam hoje? O esvaziamento do horizonte de futuro ressaltado por diversos estudiosos da contemporaneidade, a sensação de se viver em um presente inflado parecem corroer o sentido mesmo de “duração”, afetando [...] nossa relação com a memória [...].

Na cultura contemporânea [...] [há] a lógica do curtíssimo prazo e da descartabilidade na produção material [...] e nas relações interpessoais; o esvaziamento da ideia moderna de que a ação presente possa alterar o futuro [...]; a hiperestimulação dos corpos [...] tende a erodir o sentimento de continuidade do vivido [...].

Curiosamente, hoje as tecnologias do virtual têm reforçado e apoiado uma visão “somática” e cerebral da memória [oposta à concepção de Bergson], consolidando uma concepção “desespiritualizada” do corpo (para empregar um termo bergsoniano). Essa visão deixa de remeter o cérebro à hesitação, ao não automatismo e à liberdade [e] desata o liame entre [...] memória e invenção de novos presentes e futuros. (FERRAZ, 2016, p. 26, aspas do autor).

De acordo com Paes, o romance de Francisco Dantas se filia a uma linha que vem de Guimarães Rosa, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, com “idêntica preocupação de reatar fios históricos intempestivamente cortados pelo açodamento da tesoura da moda” (PAES, 2013, p. 8-9).

A circunstância de *Coivara da memória* ser um romance rural cuja ação se passa toda ela num velho engenho de açúcar e [...] numa dessas ‘cidadezinhas indefinidas do nordeste’, fá-lo por si só anacrônico numa altura em que a ficção brasileira mais representativa parece estar preferencialmente voltada para a vida das grandes cidades. (PAES, 2013, p. 8, aspas do autor).

Assim, apesar de inseridas no tempo atual, em que predomina a necessidade do imediato, as narrativas dos dois romances se desenvolvem de forma a escapar dele, colocando, como pergunta, a possibilidade de construção de futuros, por meio da memória. Como lembra Agamben, “há seres-gota e seres-vórtice, criaturas que, com

todas as suas forças, procuram separar-se em um fora, e outros que, com obstinação, enrolam-se em si mesmos, penetram cada vez mais fundo” (AGAMBEN, 2018, p. 87). As personagens dos dois livros, envolvidas num movimento espiral, refazem o “movimento arquetípico da água”, o “ponto em que o líquido se concentra, gira e afunda em si mesmo” (AGAMBEN, 2018, p. 87), constituindo-se como vórtices, em busca da ligação entre os tempos.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. Tradução de Andrea Santurbano e de Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BERGSON, Henri. *Durée et Simultanéité*. Paris, Quadrige/P.U.F, 1998.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da memória*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. Rev. Estud. Fem. vol.14 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2006
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. Memória e esquecimento no final do século XIX: Bergson e Nietzsche. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (Orgs.) *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. Rio de Janeiro: LABELLE; São Paulo: Intermeios, Faperj, 2016.
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada da filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.
- PAES, José Paulo. No rescaldo do Fogo Morto. In: DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da memória*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- SÁ, Olga de. “Que é, pois, o tempo?” (Santo Agostinho). *Kaliopa*, São Paulo, ano 7, n. 14, p. jul./dez., 2011.
- SILVA, Assunção de Maria Sousa. Ponciá Vicêncio, memórias do eu rasurado. In: *Alguma prosa*. Organização de Giovanna Dealtry, Masé Lemos e Stefania Chiarelli. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.